

**Thaís Vieira Belafonte Barros**

**Os caminhos da infância e da violência no conto “Menina a Caminho”, no ambulatório  
NUAVIDAS e nas indagações psicanalíticas**

**Uberlândia**

**2023**

**Thaís Vieira Belafonte Barros**

**Os caminhos da infância e da violência no conto “Menina a Caminho”, no ambulatório  
NUAVIDAS e nas indagações psicanalíticas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial à obtenção do  
Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria Silva Neves

**Uberlândia**

**2023**

**Thaís Vieira Belafonte Barros**

**Os caminhos da infância e da violência no conto “Menina a Caminho”, no ambulatório NUAVIDAS e nas indagações psicanalíticas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria Silva Neves

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Anamaria Silva Neves – Orientadora  
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia

---

Lívia de Matos Lima  
Mestra em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia

---

Katherine Pohl  
Mestra pela Universidade Federal de Uberlândia  
Psicóloga no Centro de Psicologia do Instituto de Psicologia da UFU

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho às crianças, reais e  
fictícias, do NUAVIDAS e da Literatura.*

## AGRADECIMENTO

À minha orientadora Profa. Dra. Anamaria Silva Neves, agradeço imensamente pelo acolhimento, pelo aprendizado e pela gentileza ao longo de toda essa caminhada. Obrigada por ter acreditado em mim e me incentivado a persistir em minha escrita. Você é uma grande referência profissional e pessoal, uma mulher incrível!

Ao meu pai, Gilberto, cujo fascínio pelos livros, foi, dentre tantas outras, uma das particularidades que nos uniu desde muito cedo, obrigada pela cumplicidade e por ser fonte de inspiração em todos os momentos.

À minha mãe, Vera, cujo colo de aconchego ao longo desses anos de graduação sempre foi tão precioso, obrigada pela paciência, pelo amor e pelo cuidado. Toda a minha admiração e gratidão pela mulher que você é e me ensinou a ser.

Aos meus irmãos, Cindhi e Victor, parceiros de infância, de brincadeiras a brigas, obrigada pelo carinho, pelo amor e pela lealdade, mesmo nas discordâncias.

Ao meu companheiro Luann, obrigada por topar comigo essa caminhada da vida, cujos caminhos e atravessamentos nem sempre são fáceis. Obrigada pelas longas conversas sobre os mais diversos temas e por confiar tanto em mim.

Aos meus amigos, Stefani, Paulo Otávio, Lara e Cristiane, cuja amizade, desde o curso de Letras, me fez ter a certeza de que é muito melhor caminhar em boa companhia. Obrigada pelo afeto, pela paciência e pelo conforto que vocês me trazem.

Aos amigos que encontrei no curso de Psicologia, obrigada por me acolherem e por compartilharem comigo tantos momentos significativos e divertidos. Estar ao lado de vocês ao longo desses cinco anos foi essencial para que eu me mantivesse mais forte. Em especial, à

Giovana, pela inexplicável sintonia que nos uniu e fez laço entre nós, agradeço por ser confidente de aventuras e desventuras!

À minha afilhada Olga, cujo nascimento amplificou o sentimento de proteção e cuidado, obrigada por ser luz em nossas vidas. É por você e por todas as crianças que meu desejo de luta pelos direitos da infância continua vivo e intenso. Obrigada à minha grande amiga Stefani pela sua força e coragem de maternar!

À minha analista, Thaís Arruas, pela escuta sensível e atenta, obrigada por me acompanhar e me amparar no entendimento dos meus desejos e faltas.

Aos professores da graduação, em especial à Anamaria, Miriam, João Luís e Ricardo, agradeço a dedicação com que compartilham seus conhecimentos e pela paixão com que defendem seus posicionamentos. Obrigada por tanto ensinamento!

Ao curso de Psicologia em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, lugar de tanto desejo no meu imaginário, agradeço a oportunidade de ter ingressado e ter encontrado profissionais maravilhosos.

Ao ambulatório NUAVIDAS, agradeço por sua existência enquanto espaço de acolhimento e cuidado das vítimas de violência sexual. À equipe que compõe esse serviço, minha mais profunda admiração pelo trabalho realizado, que é, muitas vezes, tão desafiador. Vocês são referência de coragem e resistência, obrigada por estarem comigo!

Aos usuários do serviço do NUAVIDAS, em especial às crianças e aos adolescentes, agradeço por me permitirem conhecer suas histórias.

## EPÍGRAFE

“E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despesoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela.”

Clarice Lispector, em “A paixão segundo GH”

## RESUMO

A relação entre Literatura e Psicanálise se encontra na base das primeiras formulações de Freud. Inaugurando um novo olhar sobre o inconsciente, o mestre vienense diferenciou-se da soberania vigente à época e, para além de um saber médico, desenvolveu sua teoria a partir do diálogo com várias áreas do conhecimento. Essa interface também cruza minha formação e constitui ponto de partida para a construção deste trabalho. Movimentando-me do Curso de Letras, primeira graduação, para o Curso de Psicologia, temas e inquietações em comum foram adquirindo espaço. Sobretudo a partir da vivência enquanto estagiária no Núcleo de Atendimento às Vítimas de Agressão Sexual (NUAVIDAS), ambulatório localizado no Hospital de Clínicas Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (HCU-UFU), a infância e a violência sexual passaram a ser objetos de investigação e discussão. A partir da obra “Menina a caminho” (1997), de Raduan Nassar, que narra a trajetória de uma menina ao caminhar pela cidade, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o caminho das crianças frente ao encontro com situações de violência e com os impasses de seus próprios corpos. Longe de intentar analisar o conto ou as personagens, a obra se apresenta como balizador analítico que auxilia no caminho de reflexões sobre a infância e o infantil, a partir da interface entre Literatura e Psicanálise e minhas vivências e atendimentos no NUAVIDAS. Com isso, a escrita aponta para a relevância de um olhar mais atento às implicações experienciadas na infância e para o cuidado enquanto referência de escuta.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Literatura; Infância; Violência Sexual



## ABSTRACT

The relation between Literature and Psychoanalysis is at the base of Freud's first formulations. Inaugurating a new view at the unconscious, the viennese master differentiated himself from the prevailing sovereignty at the time and, in addition to medical knowledge, developed his theory from the dialogue with various areas of knowledge. This interface also crosses my formation and constitutes the starting point for the construction of this work. Moving from the Languages Course, first graduation, to the Psychology Course, common themes and concerns gradually acquired space. Especially from the experience as an intern at the Nucleus for Assistance to Victims of Sexual Assault (NUAVIDAS), an outpatient clinic located at the Teaching Hospital of the Federal University of Uberlândia (HCU-UFU), childhood and sexual violence became objects of investigation and discussion. Based on Raduan Nassar's "Menina a Caminho" (1997), which narrates the trajectory of a girl walking through the city, this work aims to reflect on the path of children when faced with situations of violence and with the impasses of their own bodies. Far from trying to analyze the story or the characters, the work will serve as an analytical base that will help in the way of reflections on childhood and infantile, from the interface between Literature and Psychoanalysis and my experiences and assistance at NUAVIDAS. With this, the writing points to the importance of a more attentive view at the implications experienced in childhood and to the care as the listening reference.

**Keywords:** Psychoanalysis; Literatura; Childhood; Sexual violence

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. LITERATURA E PSICANÁLISE: ALIANÇA ATEMPORAL .....	15
3. ENTRE AS DESCOBERTAS.....	21
4. ENTRE AS VIOLÊNCIAS .....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

Tzvetan Todorov (2010), autor búlgaro, escreveu: “a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (p. 76). Essa potência da leitura, por meio da literatura, é um dos prazeres que tive o privilégio de acessar desde muito nova. Em casa, uma biblioteca – em constante construção – me ofertava livros, a maioria de origem literária, de diversos temas, que compartilhava com as minhas mais importantes referências de vida, meus pais e irmãos.

Como toda criança curiosa, de uma geração ainda não dominada pelas redes sociais e tecnologia, devorava gibis e livros como quem devorava a comida preferida feita pela avó. De “Pollyanna”, minha história favorita da infância, a “Harry Potter”; de Machado de Assis a Dostoévski, companhias da adolescência, as narrativas me prendiam e me ofereciam um novo mundo. Pegar no livro, sentir seu cheiro e folhear páginas amareladas pelo tempo se tornaram movimentos preciosos a cada contato com uma nova obra.

Essa construção de uma relação com a literatura foi um dos elementos impulsionadores para minha primeira escolha acadêmica: o curso de Letras. As disciplinas de Linguística foram matrizes do conhecimento que, posteriormente, revisei com outro olhar. As disciplinas de Literatura, as minhas preferidas, foram apresentadas por professores que conseguiram me encantar ao revelarem autores e obras diversas, ainda desconhecidas por mim.

No contexto do mundo das Letras, sobretudo na disciplina de Literatura Infantojuvenil, conheci a autora Lygia Bojunga (1932 - ), exemplo de referência estética de literatura voltada para crianças e adolescentes. Suas obras tratavam de temas sensíveis, complexos e tidos como tabu, como o suicídio, na obra “Meu amigo pintor” (1986), e a violência sexual, na obra “O abraço” (2005). Na experiência de leitura dos livros de Lygia Bojunga, a potência das Letras, da linguagem e da palavra na simbolização dos afetos e de vivências traumáticas ganhou

contorno mais claro na minha vivência enquanto estudante e, futuramente, enquanto profissional.

Ao finalizar o curso de Letras, apesar da possibilidade de atuação enquanto professora de licenciatura, entendi que o aprendizado e a experiência adquiridos e as trocas e as relações construídas com colegas e professores seriam marcas que eu carregaria comigo em outro lugar profissional. Por isso, perseverei um desejo antigo que, mesmo adormecido, pulsava fortemente: a Psicologia. Aventurar-me em uma nova graduação não foi fácil, mas foi a decisão mais importante até então.

O curso de Psicologia me oportunizou espaços para que a literatura se mantivesse presente. Trilhando um caminho que, anteriormente, já me inquietava, como a temática feminista e a defesa por direitos mais igualitários, o amadurecimento de alguns desses ideais me levou a lugares - físicos e até mesmo simbólicos - onde tais temas passaram a ser vivenciados na prática. Por esse motivo, logo nos primeiros períodos, procurei a ONG SOS Mulher e Família e me candidatei como voluntária, tendo atuado, mais especificamente, no projeto do Grupo Reflexivo para homens autores de violência desenvolvido em parceria com a 2ª Vara Criminal de Uberlândia. Além disso, durante o curso, tanto em disciplinas, quanto em eventos e palestras, perpasssei por temas que envolviam Psicanálise, infância, família e violência. Essa aliança - que sempre me atraía - me levou até a experiência do estágio no espaço que referencia e inspira a escrita deste trabalho, o NUAVIDAS.

Abreviação para Núcleo de Atenção Integral às Vítimas de Agressão Sexual, o NUAVIDAS é um ambulatório localizado no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC/UFU), que iniciou suas atividades em 2017, com a proposta de prestar um serviço de saúde e apoio psicossocial e jurídico a vítimas de violência sexual. Composto por membros docentes da própria universidade dos cursos de Medicina, Psicologia e Direito e por profissionais de diversas áreas - como psicólogos, assistentes sociais, médicos e advogados -, o

serviço se expandiu e possibilitou a atuação de estagiários da Psicologia, residentes da área de Saúde e participantes do projeto de extensão, que inclui as áreas da Psicologia, Direito e Serviço Social.

Atuando, primeiramente, como estagiária e, atualmente, como extensionista do NUAVIDAS, foi nesse local que o encontro com o universo infantojuvenil ganhou forma singular, uma vez que passei a atender crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. É importante explicar que o trabalho, desenvolvido em equipe multidisciplinar, funciona da seguinte forma: realizamos o acolhimento familiar dos acompanhantes (na maioria das vezes, uma figura feminina) da vítima que chega ao serviço e, separadamente, o atendimento lúdico à criança ou ao adolescente. Nesse momento, o brincar entra em cena e é uma das grandes potências de nosso trabalho. Por meio do atendimento lúdico, possibilitamos que as crianças e os adolescentes se expressem e simbolizem o que, por vezes, a palavra falada não consegue dar conta.

Nesse entrelace de Literatura e Psicanálise que me encontro, atuando na defesa dos direitos de crianças e adolescentes, faz muito sentido que este trabalho componha, de certa forma, todos esses temas, além de representar parte da minha trajetória profissional que conjuga as duas áreas. A partir da atuação no NUAVIDAS, sobretudo com os atendimentos feitos com crianças que se encontram na faixa dos 11-12 anos, novas reflexões passaram a me intrigar. Algumas dessas crianças que se identificavam muito mais como adolescentes ou como jovens apresentavam falas e comportamentos que se diferenciavam de outras da mesma idade. Elas mesmas, em atendimento, explicitavam como não se identificavam com os colegas de sua sala, por exemplo, por eles serem “muito infantis”. Além disso, relatavam o desejo por experienciar situações diferentes, a maioria repreendida pelos pais, como se relacionar com outras pessoas mais velhas, transitar pelas redes sociais, fazer o uso de substâncias lícitas e ilícitas, frequentar bares e boates, dentre outras ações geralmente relacionadas à idade mais adulta.

Inicialmente, ao escutar essas crianças, lamentei que elas tentassem reduzir tanto a própria infância. Elas pareciam querer esconder uma parte que lhes pertencia, pareciam roubadas de algo e forçavam o próprio amadurecimento. Uma dessas pacientes, de 11 anos de idade, que acompanhei por alguns meses, chegou ao serviço bastante inconformada, afirmando ter sido escolhida dela se relacionar sexualmente com um homem adulto. Sua família, bastante protetiva, tomou as medidas legais cabíveis e estava preocupada com a saúde física e psíquica de sua filha. Apesar da aparente resistência da criança, logo nos primeiros atendimentos, ela confirmou que entendia ter sido vítima de violência sexual perante a lei; porém, mantinha a ideia de continuar “se relacionando” com outras pessoas mais velhas.

Essas atitudes e vontades, isoladamente, poderiam ser identificadas como “rebeldia” ou como “precocidade”. Entretanto, tratando-se de contextos de violência sexual, a questão abarca uma complexidade mais ampla. Comecei, então, a pensar de que forma as vivências traumáticas para essas crianças poderiam lhes ter tirado, de forma precoce, a condição de infância? Como esse corpo, antes infantil, recebe marcas da violência sexual que antecipam drasticamente a forma como elas mesmas se veem?

No intenso processo de lapidação da temática deste Trabalho de Conclusão de Curso, arrisco dizer que, por associação livre, escolhi a obra “Menina a caminho” (1997), de Raduan Nassar, como o alicerce deste estudo. A princípio, havia considerado apenas os elementos relacionados à violência sexual que permeiam esse corpo que se encontra na fronteira entre a infância e a adolescência, pensando tanto nas escutas provindas dos atendimentos no NUAVIDAS, quanto em algumas cenas do conto de Raduan Nassar. Sobre aquilo que é nomeado, muitas vezes, como a “pré-adolescência”, esses dois contextos oferecem um caminho para reflexões sobre possíveis rupturas, violências, sofrimentos e nuances sociais que atravessam o corpo *infante*.

Amparada pela escuta sensível de minha orientadora e pelo trabalho realizado em análise pessoal, fui percebendo que essa escolha, aparentemente ao acaso, na verdade desnudava algo intrigante. Tanto ao ler a obra, antes mesmo de estar no curso de Psicologia, quanto ao atender aquelas crianças vítimas de violência sexual que não se entendiam como tais (crianças e vítimas), o sobressalto inicial foi perceber que a violência sexual parecia ser tratada como algo comum, não como um tema de tanta gravidade.

Em “Menina a caminho” (1997), a personagem atravessa a cidade, com o objetivo de ir até o armazém de seu Américo lhe dar um recado a pedido de sua mãe, e, nessa trajetória, é exposta ao “mundo real”. Ao retornar para casa, a criança presencia uma cena de violência contra a sua mãe, o que a faz se esconder no banheiro, onde, em uma das passagens mais marcantes, ela se abaixa, observa o próprio órgão genital com um espelho, e depois sai à rua para brincar.

A partir dessa narrativa sensível, cujos episódios serão pormenorizados ao longo do trabalho, o questionamento se volta às crianças atendidas no NUAVIDAS. Em atendimento, as meninas contam sobre as violências sofridas como se fosse, metaforicamente, uma ida até o armazém, de onde, depois, “retornam à sua casa e saem à rua para brincar”, ou seja, como se fosse preciso negar a violência para sobreviver ao caos. Referenciado Winnicott (1988), Pohl (2018) apresenta um possível entendimento a respeito desse movimento:

“Frente a tamanho sofrimento, o infante gradualmente renunciará à ilusão onipotente e, a fim de sobreviver psiquicamente, buscará adaptar-se às condições do meio construindo um *falso self*. Assim, por meio de introjeções e imitações, **desenvolve uma “pseudomaturidade”, que mantém o *self* verdadeiro inacessível às condições traumáticas, protegendo-o das agonias impensáveis.** Todavia, seu universo mental encontrar-se-á empobrecido, com poucas possibilidades de construções simbólicas, espontâneas e criativas.” (p. 19, *grifos nossos*)

Porém, para além das violências observadas no conto, um movimento muito interessante foi se evidenciando no refinamento deste trabalho. O conto “Menina a caminho” (1997) apresenta uma trajetória de descobertas da própria protagonista, cuja curiosidade – constitutiva

do ser criança – a faz defrontar-se com a própria sexualidade e com o que testemunha com seus pares (outras crianças). Nesse sentido, o fascínio dessa obra se deve tanto ao espanto pelas situações de violência que marcam o caminho da personagem, quanto pelo deslumbramento de acompanhar as experimentações inerentes à infância.

Se, inicialmente, o interesse dessa pesquisa se localizava na fronteira entre a infância e a adolescência, em uma tentativa de compreender a influência da violência na constituição da subjetividade nessa fase da vida, o enfoque do trabalho foi tomando outro rumo. O *caminhar*, enquanto verbo, sem o artigo definido, indica uma ação, um processo relacionado a deslocar-se, mover-se; enquanto substantivo, a partir da presença do artigo definido, estabelece o lugar de sujeito na sintaxe e tem como sinônimo palavras como “trajeto”, “sentido”, “percurso”. Assim como há a possibilidade de alternância dessas funções gramaticais, analogicamente, também ocupamos esse dualismo.

A menina do conto, as meninas do NUAVIDAS e a menina que escreve este trabalho ora estão se movimentando, ou seja, sendo verbo, realizando as próprias ações e não se apercebendo neste processo; ora ocupam o lugar de sujeitos da própria história, dando vida às personagens desse movimento. Por isso, o meu próprio caminhar e o meu próprio caminho cruzam os caminhares e os caminhos da protagonista do conto e das crianças e adolescentes que são atendidas semanalmente no ambulatório. Nos encontros e desencontros com esses sujeitos-personagens dessas narrativas, tanto ficcionais, quanto reais, um corpo teórico e prático vai sendo delineado.

Por isso, longe de intentar analisar a obra ou suas personagens, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o caminho das crianças frente ao encontro com situações de violência e com os impasses de seus próprios corpos. A partir da interface entre literatura e Psicanálise e de minhas vivências e atendimentos no NUAVIDAS, o conto “Menina a caminho” servirá como balizador analítico que auxiliará no caminho de reflexões sobre a infância e o infantil.



## 2. LITERATURA E PSICANÁLISE: ALIANÇA ATEMPORAL

A aproximação entre *literatura* e Psicanálise não é inédita nem recente. Um leitor pouco familiarizado com as formulações psicanalíticas encontrará, já nos primeiros escritos e teorizações, fragmentos da substância literária que constitui a Psicanálise, por exemplo, o Complexo de Édipo, conceito formulado por Freud (1996/1900) e baseado no mito da tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles (427 a.C). Afinal, ambas as áreas convergem em interesses em comum e se complementam, possuindo, na linguagem, o instrumento por meio do qual o trabalho tanto escrito, quanto analítico, é realizado.

Diferenciando-se da soberania do saber médico vigente à época, Freud aproxima-se, com a Psicanálise, de outros saberes: Artes, Literatura, Filosofia, Antropologia e História. Dentre esses, os dois primeiros se destacam, uma vez que as criações poéticas de modo geral (obras de arte, livros, artefatos, pinturas, esculturas, poemas, dentre outros) podem ser entendidas como produtos da fantasia ou anseio pela realização de desejos. Nesse ponto, cabe a reflexão de Souza, Mello, Perez e Avril (2022): “os escritores e os poetas são os verdadeiros descobridores da Psicanálise, dado que, em suas obras, anteciparam as descobertas freudianas” (p. 9).

Desse modo, a genialidade de Freud é apresentada através do diálogo interdisciplinar que rendeu frutos teóricos relevantes e possibilitou o surgimento de uma nova forma de investigação e tratamento clínico, além de inaugurar um novo olhar sobre o *inconsciente*, conceito que ganha outro sentido para a Psicanálise (Garcia-Roza, 2009). Com o desenvolvimento da teoria psicanalítica, também surge um novo entendimento de sujeito; não mais como referência a um indivíduo cognoscente ou a uma pessoa. Essa concepção remete ao *sujeito do inconsciente*, o qual, por sua vez, “constitui-se a partir da ação da linguagem” (Vieira, Martins & Silveira, 2022, p. 50). Nesse viés, a escrita como possibilidade de expressão da singularidade de cada sujeito é reforçada.

Ainda que de maneira divergente, tanto a literatura, quanto a Psicanálise têm acesso ao inconsciente (Ferreira, 2012). Nas obras literárias, o escritor elabora a narrativa a partir dos recursos com os quais têm contato, sejam eles experiências vividas, imaginadas, fantasias e desejos próprios, elaborações ficcionais e criativas; isto é, o autor de um texto traduz em linguagem escrita sua bagagem tanto consciente, quanto inconsciente. O analista, por sua vez, escuta, por meio da atenção flutuante, o que o paciente traz enquanto associação livre, a qual comunica algo do inconsciente. É claro que é apenas sob transferência que a relação textual entre analisando e analista se efetiva (Ferreira, 2012).

É possível pensar que, assim como as obras literárias contam uma história, na Psicanálise também se apresentam inúmeras narrativas: nos relatos de casos, nos textos freudianos, na sessão analítica. Nesse âmbito, a escuta clínica, aliada à leitura literária, pode resultar em uma atuação interessante, enquanto analista e enquanto analisando. Possibilitar que a palavra circule em ambos os contextos – literário e analítico – é evidenciar “a lógica dos significantes que compõem a narração” (Ferreira, 2012, p. 2) e, com isso, elucidar os desejos inconscientes.

Para que essa aliança seja viabilizada, é interessante resgatar a ideia de Antonio Candido (1918-2017), renomado crítico literário que se dedicou à escrita de algumas obras que versam sobre a relação entre literatura e sociedade, como “Vários escritos” (1995), O discurso e a cidade (1993) e Literatura e Sociedade (1995). O autor defende a literatura enquanto um direito universal:

Primeiro, [...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo **ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza**. [...] Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de **focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual**. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a **luta pelos direitos humanos**. (Candido, 2011, p. 188, *grifos nossos*)

Ressaltando o caráter da literatura enquanto constituinte da subjetividade, Candido (2011) coloca em relevo a preocupação com a condição humana, também objeto de interesse para a Psicanálise. Para o crítico literário, o contexto histórico, social e político reflete nas criações literárias e influencia na constituição de cada sujeito. Isso fica ainda mais evidente ao considerar a afirmação de Lacan (1957-58): “[...] a poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo” (1988, p. 96).

No texto “Escritores criativos e Devaneio” (1996) (intitulado, em versão anterior, como “O poeta e o fantasiar”), Freud (1908[1907]) disserta sobre a experiência da criação literária, fazendo analogias a respeito do brincar, enquanto criança, e do fantasiar, enquanto adulto. Para ele:

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre ele e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. (Freud, 1996, s/p)

É por acreditar nessa potência que, no NUAVIDAS, defendemos o brincar instalado no campo lúdico como lógica dos atendimentos individuais às crianças e adolescentes. Munidos de diversos brinquedos – como bonecos, casinhas, carrinhos -, jogos variados – tabuleiro, cartas, memória, quebra-cabeça –, material de papelaria – canetinhas, papel, lápis de cor, giz de cera – e de livros, os pacientes podem escolher com o que desejam brincar. É através desse ato relacionado, majoritariamente, ao universo infantil, que o vínculo vai sendo construído, assim como a possibilidade de escuta e cuidado, objetivos tão preciosos do nosso trabalho no ambulatório.

Entre o brincar e o fantasiar, entre a palavra escrita e a palavra falada, a literatura se apresenta. O livro “Segredo, Segredíssimo” (2019), de Odivia Barros, é uma das obras que disponibilizamos no NUAVIDAS e que as crianças escolhem com frequência. Um dos atendimentos de muita relevância na minha prática e que me tocou profundamente foi quando

um menino de quatro anos, vítima de violência sexual perpetrada pela figura paterna, me pediu para contar essa história. Até então, naquele que era o quinto atendimento, a criança ainda não havia conseguido falar sobre a violência sofrida. Enquanto eu lia para ele a história sobre a menina Adriana que tem um segredo e que só consegue contar esse segredo para sua amiga Alice, a criança permaneceu muito quieta, com semblante triste e pensativo. Foi somente ao terminar a história que o menino conseguiu me contar que seu pai fazia “brincadeiras de adulto” parecidas com as que a personagem do livro sofria com seu tio.

Observando como a literatura pode ser uma poderosa aliada teórica e prática, muitas vezes, os contos têm sido retomados para se refletir sobre alguns aspectos da transmissão em Psicanálise (Azevedo, 2001, citado por Vieira, Martins & Silveira, 2022). Por esse motivo, a escolha pelo conto “Menina a Caminho” (escrito em 1961 e publicado somente em 1997) de Raduan Nassar se justifica enquanto a possibilidade de extrair elementos relevantes a esta pesquisa.

No referido conto, o narrador aborda a trajetória de uma menina – que não é nomeada – ao longo da cidade, isto é, uma menina *caminhando*, uma menina que está *a caminho* de algo ou de alguém. Como já anunciado na Introdução, ao longo desse percurso, a criança se depara com inúmeras cenas de violência e com cenas que se confrontam com seu universo infantil. Desde agressões físicas que ela presencia, até episódios que permeiam conteúdos sexuais, o caminhar inocente da menina-criança forja o amadurecimento precoce de uma menina-mulher.

Impossível fazer referência a Raduan Nassar (1935-) sem destacar a relevante obra, que lhe rendeu inúmeras premiações e publicações em países como Alemanha, França e Espanha, composta por apenas três livros: o romance *Lavoura Arcaica* (1974), a novela *Um copo de cólera* (1978) e o livro de contos *Menina a caminho* (1961). Escritor brasileiro, filho de imigrantes libaneses e natural de Pindorama (SP), a infância de Nassar foi marcada pela religiosidade e pela agricultura, elementos que posteriormente estarão presentes em suas obras.

Introspectivo desde criança, encontrou, na escrita, o meio de se expressar pelas palavras (Santos, 2018).

Apesar de consagrado e premiado por suas obras, Raduan anunciou, em 1984, o abandono à literatura e o interesse em se dedicar aos assuntos rurais. Também, sempre evitou contato com o público, apresentação em programas e pronunciamento em entrevistas. Por isso, pouco se sabe sobre detalhes de sua vida, sobretudo após a reclusão em sua fazenda Lagoa do Sino, localizada no interior de São Paulo. O autor ofereceu grande parte dessa terra para que o Governo Federal construísse um complexo educacional, o que foi concretizado a partir de 2013 em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) (Santos, 2018).

Da mesma forma que consideramos o desenvolvimento das *psicologias* relacionado ao contexto político, histórico e social de cada época, é importante fazer o mesmo destaque em relação ao cenário contemporâneo à escrita de Raduan Nassar: a segunda metade do século XX. Marcada por inúmeras transformações econômicas, políticas e sociais, como a Ditadura Militar, os movimentos sociais emergentes e luta por direitos, novos padrões e novas representações de papéis impactaram o entendimento da individualidade dos sujeitos daquele tempo. Santos (2018) aponta: “Nessa época, se tornou propícia a discussão da crise do sujeito e das novas configurações impostas pela ideologia da superestrutura do capital em todas as instituições humanas e, com isso, afetou a noção de identidade individual [...] (p. 16)”.

Esse ponto será de suma importância na obra de Nassar, pois, mesmo apresentando acentuado lirismo e fugindo à estética literária vigente à época – a literatura moderna – tanto no conteúdo, quanto na linguagem, o autor trabalha com temáticas sensíveis, construindo personagens e histórias complexas. As narrativas marcadas por conflitos íntimos, morais e sociais constituem um material rico para se pensar questões relativas à própria natureza dos indivíduos e suas relações sociais.

Portanto, retomando o diálogo entre literatura e Psicanálise, “Menina a caminho” (1997) representa como o texto literário reflete certas estruturas que compõem a sociedade. Nesse sentido, a ficção torna-se uma espécie de microcosmo, um universo representacional próprio que reúne experiências humanas relevantes. Como afirma Ferreira (2012),

a fala impõe-se como instrumento a ser utilizado pela Psicanálise na investigação dos males que afligem aqueles que procuram tal modalidade de cura, e a escrita impõe-se como modo de circunscrever o real que escapa e insiste nesta fala. (p. 2)

Sendo assim, as reflexões abordadas neste trabalho, além de não se limitarem a esta escrita, também transpõem a obra de Nassar. É na interpelação com o Outro que a narrativa de Nassar constrói sua significação e faz emergir, dela, um sujeito (Lacan, 1964/1988). Nesse sentido, a experiência clínica e prática com as vítimas atendidas no NUAVIDAS possibilita o direcionamento do olhar para as questões que se encontram no território, movimento parecido que acontece ao ler o conto “Menina a Caminho”. Isto é, as questões da infância e desse corpo *infante* sofrem as interpelações sociais com as quais se deparam ao longo do próprio trajeto, do próprio existir.

### 3. ENTRE AS DESCOBERTAS

Apesar de não haver demarcações etárias específicas no conto “Menina a caminho” (1997), é possível entender que pelo menos a metade das personagens que compõem a narrativa é criança, ou seja, a infância constitui, então, foco na obra. Em voga, não só na Literatura e na Psicanálise, como também nos campos sociais, mídias e instituições, esse tema se destaca por sua complexidade. O cuidado e o olhar sobre a infância percorrem uma trajetória histórica que se modificou ao longo dos séculos e que hoje, no ordenamento jurídico, passaram a ter uma regulamentação própria a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), instrumento que busca prezar pelos direitos da infância e da adolescência.

Por mais que o leitor desconheça o nome e a idade da protagonista do conto, tal precisão não parece ser elemento fundamental para a narrativa. A menina-que-não-é-nomeada expressa um paradigma, isto é, ela não é identificada por um nome, mas sim pelo que ela representa enquanto sujeito. Portanto, é possível entendê-la como uma imagem que simboliza, de forma geral, todas as meninas, inclusive, por extensão, aquelas atendidas no NUAVIDAS. Além disso, apesar da falta de delimitação etária, alguns elementos da história vão se destacando e realçando um corpo infantil. Logo nas primeiras páginas da narrativa, somos apresentados à protagonista por meio de seu caminhar sem pressa e “descalço”; a menina brinca, espantando as galinhas:

um vestido caseiro, costurado provavelmente com dois retalhos, cobre **seu corpo magro feito um tubo**; a saia é de um pano grosso e desbotado, a blusa do vestido é de algodão acetinado, um fundo preto e brilhante, berrando em cima uma estampa enorme em cores vivas, tão grande que sobre o **peito liso da menina** não aparece mais que o pedaço de uma folha tropical (Nassar, 1997, p. 10, *grifos nossos*)

Como o conto aborda de modo farto o universo da infância, é importante destacar que, para a Psicanálise, o *infantil* e a *infância* não são conceitos sinônimos. Reformulados ao longo da teoria freudiana, “a infância [...] se deslocou do registro genético e cronológico para o do funcionamento psíquico” (Birman, 1997, p. 19), o que levou à constituição do conceito do infantil em contraposição à noção evolutiva de infância. Essa diferenciação, desenvolvida a

partir das considerações sobre a sexualidade infantil, é essencial para pontuar que, independentemente da fase cronológica da vida, o infantil é uma marca que habita todos:

o infantil está associado à sexualidade e ao inconsciente, constituindo--se como marca no psiquismo, independente da idade do sujeito. Se a infância configura-se como tempo cronológico que separa crianças e adultos, o infantil, por seu caráter intrínseco à pulsão aproxima os dois, evidenciando que no inconsciente não há temporalidade, só sujeito. (Campos, 2014, p. 60)

A infância, por sua vez, delimita cronologicamente um período da vida, sendo uma noção que também passou por diferentes concepções. Com a formulação do ECA, no Brasil, a demarcação etária especificou-se: “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (1990). Ainda assim, a fronteira entre a infância e a adolescência não apresenta borda tão bem definida, isto é, esse preâmbulo da chamada pré-adolescência é experienciado para cada sujeito de maneira particular. Nesse ponto, o que, na maioria das vezes, realça esse contorno é o *corpo*: um corpo físico, mas, também, um corpo simbólico.

Embora testemunhando diversos tipos de violência, como será explicitado no próximo tópico, o campo sexual também se anuncia relevante no conto “Menina a caminho” (1997), ora enquanto possivelmente traumático, ora enquanto descoberta da própria sexualidade. Nesse caso, a curiosidade inerente à condição infante é compartilhada tanto pela menina, quanto por outros personagens, circundados nos diálogos e diferentes episódios.

Em uma das cenas iniciais, a menina observa, de longe, “acocorada [...] por sob a barriga abaulada de um cavalo” (Nassar, 1997, p. 11), três outros meninos que carregam sacos de palha. Ela acompanha *clandestinamente* e com um *entusiasmo gostoso* a conversa sobre um “cirquinho” na casa de Dinho. Cientes de seu olhar, um deles a convida para ir também e comenta a ausência de uma garota chamada Nice, pois sua mãe teria dito que “da outra vez teve aquilo....” (Nassar, 1997, p. 12). Outro menino explica que, dessa vez, a mãe de Dinho determinou a entrada apenas de quem teria 12 anos ou menos, exceto “o Quinzinho que o



Quinzinho vai emprestar a...” (Nassar, 1997, p. 12). A fala é cortada pelo terceiro menino, chamado Zuza, que se revolta:

“Cirquinho mixo esse... e o Quinzinho que não se meta a besta comigo” diz despeitado [...] Os braços livres, arma num instante o gesto: “Aqui que eu não entro nesse cirquinho” diz movimentado lentamente o braço teso da **banana**, pra cima e pra baixo, **os olhos cheios de safadeza** (Nassar, 1997, p. 13, *grifos nossos*)

A menina observa essa cena com espanto e, em seguida, é Zuza quem se surpreende com alguns comentários e risadas de duas mulheres debruçadas na janela. Uma delas pergunta, de forma maliciosa, quem teria ensinado o garoto a “dar banana” daquele jeito, acrescentando que “a banana” que ele dá “é muito bem dada”. Zuza, que permanece parado e respondendo às perguntas das duas mulheres, se envergonha e se enrubesce.

Há um paralelo entre as duas cenas: tanto a menina, quanto Zuza, descrito como um *rapazote* que chega com *uma bola de capotão no arco do braço* (Nassar, 1997, p. 12), têm seu universo infantil surpreendido por uma figura mais velha. Mesmo que a fala do narrador indique uma possível malícia na ação de Zuza ao “dar a banana”, ele ainda conserva, se não uma ingenuidade, uma timidez natural de sua condição juvenil.

Após ser dispensado pelas duas mulheres que continuam zombando da situação, o olhar da narrativa se volta para a menina, testemunha de todos esses eventos, e que, ainda acorada ao lado do cavalo, é surpreendida pelo mijo do animal: “só quando o cavalo distancia as patas traseiras é que a menina repara, escondido no alto entre as pernas, e se mostrando cada vez mais volumoso, no seu sexo de piche” (Nassar, 1997, p. 17).

O encontro elucidado da menina com o sexo (personificado no corpo do animal), é retomado ao final do conto, quando ela se abaixa e observa seu próprio órgão sexual diante do espelho, talvez, reconhecendo a diferença entre eles. Utilizando a palavra *sexo e sexual* como referência ao genital, a menina parece começar a ter mais compreensão sobre o próprio corpo. Nas falas e jogos das cenas iniciais, como quando o menino Zuza articula o braço em um gesto

fálico de “dar banana”, vemos como as outras crianças também estão nesse percurso de descoberta e exploração de seus corpos, possivelmente até mesmo na brincadeira do “Cirquinho”, censurada por uma das mães.

No NUAVIDAS, por vezes, crianças de tenra idade que, ao brincarem com a Família Terapêutica, que dispomos na mesa de atendimento lúdico, expressam curiosidade em despir os bonecos e, ao ver que eles possuem órgãos genitais, algumas comentam entre risos sobre as partes (na maioria das vezes, a partir de apelidos: “pepeca”, “pipiu”), enquanto outras se envergonham e tentam escondê-los. Esses movimentos lúdicos apontam as descobertas infantis sobre os corpos e, dependendo dos jogos e brincadeiras a serem encenadas pelas crianças, podem sinalizar indícios da violência sexual sofrida.

Nesse contexto, é importante diferenciar “genital” de “sexual”. Na obra de Freud (1989/1905), o corpo passa a ser entendido não apenas como *biológico*, mas, sobretudo, como pulsional. Para compreender essa ideia, é necessário retomar as formulações psicanalíticas sobre a sexualidade, apresentadas por Freud em 1905 na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.

Dedicando o segundo ensaio à sistematização da sexualidade infantil, a inovação freudiana foi considerar a presença da sexualidade desde a infância. Entretanto, Freud aponta que sexualidade não deve ser entendida como instinto, mas sim como pulsão, isto é, energia, sendo que toda pulsão é pulsão sexual. Para ele, o sexual não se reduz ao genital ou à reprodução, sendo condição constituinte da subjetividade humana (Freud, 1989).

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual [...] (Freud, 1989, p. 162)

Essa pulsão sexual, presente desde o início da vida, estaria, inicialmente, ligada a uma satisfação de ordem fisiológica, por exemplo, amamentação, defecação, micção. A partir das

chamadas zonas erógenas, em um segundo momento, já saciados das necessidades básicas, busca-se por estímulos que provocam sensação de prazer, uma marca que ficou para além da função fisiológica satisfeita. É nesse ponto que Freud formula a ideia de um corpo erotizado, pois “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é autoerótica” (Freud, 1989, p. 110). Isso indica que

As pulsões sexuais podem encontrar prazer sem ter de levar em conta se uma modificação no mundo foi ou não realizada. [...] Temos com isso que as pulsões sexuais se guiarão apenas pelo que Freud denomina princípio de prazer, isto é, pelo evitar ao máximo o desprazer (Soria, 2016, p. 5)

É na obra “Além do princípio do prazer” (1974b/1920) que Freud apresenta a dimensão da noção de *pulsão de morte e compulsão à repetição*. Se, antes, a dinâmica do aparelho psíquico era regida apenas pelo princípio do prazer, o autor traz uma nova compreensão segundo a qual haveria forças pulsionais sem representação, que não se submetem à lógica de prazer-desprazer. Essa obra marca um ponto fundamental da teoria freudiana ao apresentar a dimensão traumática provocada pelo excesso pulsional que não consegue ser representado (Kleger & Macedo, 2016).

Esse entendimento é importante ao se pensar nas vivências de violência. Ao atendermos, no NUAVIDAS, crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, muitas vezes, o que percebemos é esse *excesso* pulsional que tenta encontrar alguma via de escoamento no próprio corpo: por meio da automutilação, por exemplo. Casos assim têm sido recorrentes no ambulatório e alertam para que nossa escuta se direcione para além desse sintoma, uma vez que essa via de expressão se configura como a defesa possível desses sujeitos que estão em sofrimento.

Quando refletimos sobre a trajetória da menina no conto de Nassar, tais vivências de violência também vão marcando a protagonista, que aparece como uma espectadora de eventos e circunstâncias alheias a ela. Entretanto, se, a princípio, supomos uma mera posição de

observadora, ao longo da leitura entendemos o quanto a menina torna-se implicada em cada cena. Os diálogos, as situações e as interações vivenciadas pelas personagens do conto, na passagem da menina pela cidade até sua chegada no armazém e, posteriormente, na volta para casa, apresentam dimensões majoritariamente subentendidas, que expressam nuances do campo violento, um território precário, sobretudo pensando que a menina é, ainda, uma criança. Aos poucos, parece que as inocências da infância vão, então, sendo manchadas pelas invasões avassaladoras do universo adulto.

#### 4. ENTRE AS VIOLÊNCIAS

O enredo da narrativa “Menina a caminho” (1997) gira em torno de uma possível exposição da homossexualidade do filho de seu Américo, assunto comentado por todos da cidade, e do importante recado que a menina precisa dar ao dono do armazém. A mensagem seria uma resposta da mãe da menina ao seu Américo por ele ter-lhe “estragado” a vida ao revelar sobre a infidelidade da mulher. A menina percorre, então, as ruas da cidade e, mesmo sendo capturada pelos acontecimentos que presencia em diferentes espaços, ela não se desvia do destino onde deve chegar.

Nesse trajeto, enquanto leitores, nos deparamos com um narrador-observador que, por vezes, se confunde com a menina, como se ele fosse sua voz e seus olhos. Esse recurso provoca uma aproximação maior da trama. Assim como a menina testemunha diversas cenas ao caminhar pela cidade, parece que o leitor também é colocado nessa posição de testemunhar, além do que ela presencia, as mudanças e descobertas da menina.

Nesse ponto, algo se aproxima com o que vivenciamos no NUAVIDAS. Além de atendermos as vítimas diretas da violência sexual, ou seja, as crianças e os adolescentes que são encaminhados, muitas vezes, outros membros da família e dos serviços se tornam testemunhas da violência sofrida. É o que acontece, por exemplo, quando outros irmãos ou primos também convivem com o violentador, porém, não sofrem diretamente o abuso sexual. Quando isso acontece, convidamos essas vítimas indiretas a irem até o ambulatório, no intuito de cuidar e de tentar protegê-las das reverberações dessa violência. Tornamo-nos todos, de diferentes modos, testemunhas.

Para entender a ideia de *testemunho*, é fundamental recuperar um conceito anterior. Em uma de suas primeiras considerações a respeito de *trauma*, ideia intrinsecamente ligada à noção de temporalidade, Freud (1996) afirma que o trauma não é formulado no momento exato da incidência de um evento impactante. Para o autor, as consequências do acontecimento

traumático apenas se consolidariam *a posteriori*, momento em que as inscrições mnêmicas adquirissem significados a partir da associação com outros vínculos.

Considerando a lógica freudiana que desconstrói a ideia de uma constituição subjetiva linear, em que a cronologia de passado, presente e futuro seria irreversível, Freud (1996) propõe, com isso, demonstrar que o sujeito modifica *a posteriori* as representações de vivências que, em sua prematuridade, ocorreram sem a possibilidade de serem digeridas psiquicamente. (Damous & Klautau, 2016). Nesse sentido, em análise, o sujeito não se encontra sozinho para enfrentar a situação traumática que sofreu: o analista ocupa o lugar de um terceiro capaz de *testemunhar* a repetição do trauma:

A resolução do trauma exige o lugar da testemunha. Com ele, a rememoração ou repetição podem fazer que “uma nova espécie de resolução do trauma, mais vantajosa, e até mais duradoura também possa produzir-se” (Ferenczi, 1934/1992, p. 113). [...] Testemunhar, da parte do analista, não implica apenas acolher ou conter. Implica, primordialmente, reconhecer. (Gondar & Antonello, 2016, p. 19)

Se na posição de leitores do conto nos tornamos testemunhas da trajetória da menina, enquanto profissionais, ao atender usuários do serviço, também testemunhamos as histórias e os sofrimentos causados pela violência sexual, ou seja, **reconhecemos**, naqueles sujeitos, a situação traumática que viveram. O protocolo de atendimento à vítima de violência sexual prevê que, antes de chegarem ao NUAVIDAS, as vítimas tenham passado por algum outro serviço anterior (Pronto-Socorro, Conselho Tutelar, dentre outros). Assim, na maioria das vezes, as crianças já narraram sobre o que sofreram. Para evitar a vitimização secundária (Melo, 2014), não insistimos que a violência seja novamente explicitada. Entretanto, quando a criança ou o adolescente usa o espaço do NUAVIDAS para conseguir falar sobre o que vivenciou, nós, no atendimento lúdico, nos tornamos testemunhas de seu relato.

Sendo vítima direta ou indiretamente de inúmeras violências, o campo sexual, embora enquanto descoberta, como evidenciado anteriormente, também se anuncia como possivelmente traumático para a menina. Os diálogos implícitos e as ações sugestivas revelam

o não-dito, uma característica tão marcante na violência sexual contra crianças e adolescentes. Dessa forma, a menina é, além da personagem principal do conto, uma vítima desses atravessamentos violentos.

Na cena com o cavalo, descrita no tópico anterior, a menina é observada por dois homens que regozijam do episódio, sendo que um deles comenta “Num brinca co’essa boneca que tem feitiço nela” (Nassar, 1997, p.18), fazendo referência ao pênis do animal. Ela se assusta e foge dali. É interessante destacar esse jogo narrativo: não só a menina é uma observadora-testemunha dos acontecimentos, como ela também é observada por outros. Outro ponto recorrente na narrativa é como adjetivos relacionados ao espanto, à surpresa, ao susto acompanham a menina.

Essas características são frequentemente reconhecidas nas crianças e nos adolescentes atendidos no NUAVIDAS. Especificamente nessa passagem do conto, lembrei-me de um caso que acolhi no ambulatório: por demanda espontânea, uma menina de 9 anos de idade chegou ao ambulatório após ter passado por uma situação de violência sexual em uma festa de um colega de sua mãe. Um homem mais velho, avô de uma das crianças, passou pela menina e proferiu comentários sexuais em relação ao corpo da criança, além de ter tentado tocá-la em seus seios. Assustada, ela saiu correndo e contou para sua mãe o ocorrido e, posteriormente, para seu pai.

Por vezes, subentendidas como no conto de Raduan, outras vezes, explícitas como no caso que atendi, essas falas de conteúdo erótico pronunciadas por adultos a uma criança ou a um adolescente são, também, uma forma de violência sexual. Se, culturalmente, essa situação já foi aceita ou, ao menos, escapava sem consequências, com as conquistas dos direitos das mulheres e das crianças, tornou-se compulsório repudiar e denunciar tais atos. Ao atender a criança, tão doce e inteligente, o que me intrigou foi perceber sua dificuldade de falar sobre o acontecimento, como se, de alguma forma, ela se sentisse envergonhada por ter sido vítima de

um homem com falas tão violentas; como se seu corpo, em crescimento, fosse justificativa para tamanha invasão.

Essas violações marcam o caminho das meninas, seja no NUAVIDAS, seja no conto de Nassar, ou, ainda, quaisquer outras meninas que circulam em uma sociedade marcada pelo machismo e pelo patriarcado. Meninas que crescem ouvindo comentários indesejados e violentos pelo caminho das ruas e por demais espaços sociais, fazendo parecer terrivelmente comum o abominável caminho do medo no território de vida social. Atender em um serviço público de cuidado a vítimas de violência sexual me possibilitou compreender a importância de se estranhar e questionar essas situações.

Nesse viés, a transgeracionalidade acaba sendo um ponto em comum. É muito frequente, ao acolhermos as crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, descobrirmos, na história familiar, que as figuras maternas também foram vítimas de violência sexual na infância ou ainda o são na fase adulta (se não sexual, sofrem de violência física, patrimonial, psicológica). Esse conceito pode ser entendido como:

[...] um campo de forças psíquicas inconscientes pertencentes a grupo familiar que são transmitidas através das gerações pelo viés da negatividade: transmite-se o que está oculto, escondido e não elaborado. Tudo aquilo que não pôde ser simbolizado pela geração precedente é transmitido em sua forma bruta às próximas gerações, que permanecerão ligadas entre si através de um sofrimento de aparente causa desconhecida (Kaës, 2001, citado por Padilha & Barbieri, 2020, p. 245).

As cenas finais do conto parecem elucidar aspectos desse conceito. A menina retorna para casa e a mãe indaga sobre o diálogo entre a criança e o dono do armazém, descrito abaixo:

“Minha mãe mandou dizer que o senhor estragou a vida dela, mas que o senhor vai ver agora como é bom ter um filho como o senhor tem, que o senhor vai ver só como é bom ter um filho como esse que o senhor tem, ter um filho como esse...”

“Puxa daqui, puxa já daqui, sua cadelinha encardida, já agora senão te enfio essa garrafa com fogo e tudo na bocetinha, e também na puta da tua mãe, e na puta daquela tua mãe...” (Nassar, 1997, p. 44)

Enfurecida com a fala de seu Américo, a mãe começa a gritar, o que chama atenção de seu marido Zeca Cigano. Primeiramente, o casal discute e, em seguida, sem ter a resposta da



mulher sobre o que aconteceu, o marido começa a agredi-la fisicamente, cena que é assistida pela menina e por seus irmãos mais novos. Após surrá-la com cintadas cada vez mais profundas, o marido se afasta, e a mulher, extremamente machucada, é amparada e cuidada por sua vizinha. Esta, por sua vez, procura as crianças para retirá-las de casa, mas somente encontra os mais novos. A menina se esconde no banheiro, momento em que acontece a cena anteriormente narrada: ela pega o espelho do pai, se abaixa e observa seu órgão genital, encaminhando-se, posteriormente, para a rua e indo brincar.

Pensando na questão transgeracional, o conto me faz pensar que parece haver, entre a mãe e filha, entre a menina e a mulher, uma trajetória comum de violências. Percebemos certa confusão no discurso entre ambas, em que a criança se envolve na trama sofrida pela mãe e, por vezes, parece que suas falas são, na verdade, as falas da própria mãe. Há uma identificação entre ambas, possivelmente demarcada quando a menina se recusa em sair de casa: ela deseja ficar mesmo após a violência sofrida por sua mãe. Seria a cena final, em que ela se abaixa e se observa, uma descoberta espontânea desse corpo-menina enquanto um corpo-mulher ou seria uma atitude precocemente forçada, consequência das situações violentas que ela vivenciou na rua e dentro de casa? Ainda assim, o desfecho da narrativa “deixa a casa e vai pra rua, brincar com as crianças da vizinha da frente” (Nassar, 1997, p. 49) parece ser uma forma que a menina encontra de preservar sua condição infante.

Atravessada por essa cena, lembro-me de que realizei um acolhimento familiar no NUAVIDAS em que foi possível reconhecer uma tentativa de quebra dessa não simbolização entre as gerações. Parecido com o caso elucidado na Introdução deste trabalho, recebemos uma menina de 11 anos de idade, vítima de violência sexual, que afirmava ter interesse em ser mais “livre”, sair para bares, namorar pessoas mais velhas. A relação materno-filial era bastante conflituosa e a mãe parecia, a todo momento, rejeitar um vínculo mais harmonioso com a

criança. Em seu discurso manifesto, havia ressentimento em relação à filha e certa “frieza” ao falar da relação das duas.

Entretanto, ao narrar a própria história, a mulher nos contou que havia se casado muito jovem e engravidado com 13 anos de idade de um marido 20 anos mais velho do que ela. Apesar de não ser um caso isolado, ainda me espanto ao escutar esses relatos que escancaram os limites da rede no cuidado das crianças e adolescentes. Porém, diferentemente do que muitas vezes acontece, a mãe se reconhecia como uma vítima de violência sexual, queixando-se de não ter, à época, alguém que pudesse protegê-la do que sofreu. Ela inclusive identificava, na própria mãe, uma responsabilização por não ter impedido a violência.

A mãe dizia estar no NUAVIDAS tentando fazer pela filha o que ninguém fez por ela. Se, antes, contratransferencialmente, a mãe me pareceu indiferente, ao ouvi-la, percebi que, mesmo com tantos conflitos na relação materno-filial, ela estava tentando oferecer cuidado. Se, antes, elas pareciam radicalmente diferentes uma da outra, fui entendendo que, na verdade, havia alguma identificação intensa entre ambas. Por isso, com os atendimentos e acolhimentos familiares, é preciso considerar a posição subjetiva desses sujeitos, evitando, segundo Lima (2021), “o encerramento da mulher-mãe nos significantes disseminados: ora como culpadas, negligentes, ora como vítimas.” (p. 49)

Todas essas considerações formuladas a respeito do caminhar, das descobertas e das violências, nesses dois últimos tópicos, permitiram que algumas cenas do conto “Menina a caminho” fossem selecionadas e de vinhetas clínicas que foram se sobressaindo com a experiência no NUAVIDAS. Sustentadas a partir da teoria psicanalítica, alguns conceitos despontaram a fim de proporcionar reflexões sobre as questões explicitadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre temas que circundam o universo da infância e o infantil, mas que também atravessam questões sensíveis, como a violência sexual, é uma tarefa complexa e necessária. Ocupar lugares discursivos de defesa por direitos humanos, em uma luta constante contra a desigualdade, racismo, machismo e discriminações, além de atuação implicada, com compromisso ético, teórico e político, como no trabalho no Núcleo de Atenção Integral às Vítimas de Agressão Sexual (NUAVIDAS), revelam a responsabilidade de se posicionar, sobretudo na sociedade contemporânea.

O eixo que movimentou a escrita deste TCC foram, sem dúvida, os impasses, as provocações e as movimentações afetivas vivenciadas na experiência com o NUAVIDAS. Refletir sobre o caminho das crianças frente ao encontro com situações de violência e com os impasses de seus próprios corpos irromperam o desejo de falar sobre esse tema. A obra de Raduan Nassar, a quem tanto devo, desde muito tempo, por me instigar, proporcionou o cenário para que esse diálogo se concretizasse.

A trajetória percorrida ao longo deste trabalho foi, certamente, cheia de desafios, mas também cheia de passagens indispensáveis. Retomar a relação entre Literatura e Psicanálise é um passeio que precisa ser revisitado constantemente para que não esqueçamos as influências e bases da teoria freudiana. Pensar no momento da infância e das descobertas do corpo anuncia fundamento teórico básico para o que iremos nos deparar na prática, nas experimentações naturais de ser criança. Reconhecer as violências como obstáculos a serem combatidos mostra-se como um enfrentamento necessário em nossa luta e prática clínica.

Apesar dos limites que um Trabalho de Conclusão de Curso circunscreve, essa pesquisa teórica entrelaçada com vinhetas clínicas de atendimentos feitos no NUAVIDAS pretende ser premissa para um estudo mais aprofundado, integrando, também, a Literatura (seja uma ou mais obras literárias) e o trabalho prático. Esse diálogo interdisciplinar tende a ser enriquecedor por

permitir a relação e a reflexão entre realidade e ficção, sendo esta, tantas vezes, representação do panorama social que vivemos.

Assim como o leitor pode se identificar com a menina do conto, em muito me reconheço nela: fazendo uma travessia que leva a buscas, descobertas, tropeços e angústias. Ainda que em posição de observadora da minha própria trajetória, estar implicada nas cenas às vezes encobre a importância de cada passagem para a construção de quem eu sou. Este trabalho, ao fazer um resgate da minha graduação em Letras e a relação com essa formação em Psicologia, foi como reler um livro querido, mas há tempos esquecido na prateleira.

## REFERÊNCIAS

- Birman, J. (1997) Além daquele beijo!? Sobre o infantil e o originário em Psicanálise. In: Roza, E. S & Reis, E. S. Da análise da infância ao infantil na análise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Brasil. (1990) Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.
- Campos, R. C. (2014). Infância e infantil: diferenciação conceitual e repercussões clínicas. *Revista De Psicologia*, 5(1), 58-71. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1002>
- Candido, A. (2011). O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades.
- Damous, I., & Klautau, P. (2016). Marcas do infantil na adolescência: automutilação como atualização de traumas precoces. *Tempo psicanalitico*, 48 (2), 95-113. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382016000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000200007&lng=pt&tlng=pt)
- Ferreira, L. M. (2012). A interface entre Psicanálise e literatura. *Revista entrelinhas*, 6 (1), 1-5. doi: 10.4013/1351
- Freud, S. (1996) A Interpretação dos Sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1900)

\_\_\_\_\_. (1989). Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud. (Vol. VII). 3. Ed. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. (1996). Escritores criativos e devaneios. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908[1907])

\_\_\_\_\_. (1974b). Além do princípio de prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1920)

Garcia-Roza, L.A. (2009). Freud e o inconsciente. 24. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gondar, J., & Antonello, D. F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, 27 (1) doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>.

Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em Psicanálise. *Tempo psicanalitico*, 48(1), 171-190. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382016000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000100011&lng=pt&tlng=pt).

Lacan, J. (1957-58/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan, J. Escritos (p. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_ (1964/1988) O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lima, L. M. (2021) Ensaio do irrepresentável: a mulher-mãe na cena incestuosa. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. doi: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.504>

Melo, J. F. (2014). A vítima e o procedimento formal de controle do crime: uma análise acerca da sobrevivitização. *Revista Libertas*: Ouro Preto.

Nassar, R. (1997). Menina a caminho e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.

Padilha, C. R. M., & Barbieri, V. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 243-270. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlng=pt).

Pohl, K. (2018). A violência sexual na infância: uma leitura psicanalítica sobre o corpo. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.737>.

Santos, M. K. M. (2018) Entre o afeto e o amor: a construção da identidade nos contos de Menina a caminho, de Raduan Nassar. (Dissertação Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2018. Recuperado de: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31666>.

Soria, A. C. S. (2016). O corpo na Psicanálise freudiana: suas relações com a consciência e o inconsciente. *Em curso*, 3. doi: <http://dx.doi.org/10.4322/2359-5841.20160310>

Souza, J. D. S., Mello, D. M., Perez, L. M. F., & Avril, R. M. (2022). Editorial - Tessituras: Psicanálise e literatura, mais ainda ... *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 19(2), 9–15. Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/11739>

Todorov, T. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Vieira, A. N., Martins, K. P. H., & Silveira, L. C. (2022). O resto como causa do desejo no conto “A terceira Margem do Rio”. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 19(2), 49–68. Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/10839>